

# MAÇONARIA TUPINIQUIM

JORNAL



PERIÓDICO OFICIAL DO PROJETO MAÇONARIA TUPINIQUIM



## NESTA EDIÇÃO

O DRAMA NO RITUAL

PÁGINA 2

O TEMPLO E A  
ELEVAÇÃO NO REAA

PÁGINA 5

## O TEMPLO E A ELEVAÇÃO NO REAA

Por Cloves Gregorio

## EDITORIAL

### QUER ASSINAR NOSSO JORNAL POR MENOS DE UM CAFÉ POR MÊS?

O Maçonaria Tupiniquim Jornal é um periódico que apresenta textos e estudos referentes a história, liturgia e cultura da maçonaria, visando instruir e informar acerca da fraternidade a irmãos estudiosos.

O periódico é distribuído bimestralmente em formato eletrônico para os apoiadores do Maçonaria Tupiniquim, através da plataforma [apoia.se](http://apoia.se), disponível no endereço eletrônico a seguir clicando [aqui](#).

Ou optar por um plano anual via pix.  
Mais informações no e-mail:  
[cloves@maconariatupiniquim.com.br](mailto:cloves@maconariatupiniquim.com.br)



Demorou, mas saiu! Queridos leitores e irmãos, vocês que me acompanham sabem que esses meses de junho e julho, são uma loucura para mim. Além de um caminhão de provas para correção, eu dou um gás em meu circuito de palestras em outros estados e afins. Como não gosto de escrever para o jornal algo que não seja original, isso atrasa na elaboração dos textos. Mas vamos aproveitar esse final de julho para conhecer melhor a cerimônia de elevação a Companheiro Maçom no Rito Escocês Antigo e Aceito.

Eu já falei outras vezes que o grau de companheiro é muito negligenciado, e por isso, nesses últimos jornais estamos dan-

do uma atenção extra a uma simbologia tão bonita. Por isso, investiguei e comparei elementos dos primeiros rituais, como a montagem do templo e a cerimônia de elevação, para entendermos melhor do grau.

Lendo um texto muito pertinente do Mano Kennyo Ismails sobre memorização em seu recém lançamento "Breviário Maçônico do Século XXI", requeitei um texto meu sobre a importância da dramatização dos Rituais.

Desejo boa leitura e espero que gostem,  
Fraternalmente,

Cloves Gregorio

# A NECESSIDADE DA DRAMATIZAÇÃO NOS RITUAIS MAÇÔNICOS



**POR CLOVES GREGORIO**

Para quem faz parte da fraternidade, está familiarizado com uma série de cerimônias que são replicadas em cada Loja Maçônica, como uma espécie de teatro. Encenações, personagens, falas e textos fazem parte de nosso cotidiano.

Para entender melhor como essa prática teatral na foi parar na Maçonaria, vamos recorrer a livro *“Revelando o Código da Maçonaria”* de Robert Cooper. Esta obra nos informa que na idade medieval, cada corporação de ofício (Ferreiros, marinheiros, vendedores de vinho e claro, os pedreiros), ensinavam seus segredos e mistérios através dos seus instrumentos de trabalho, e de alegorias bíblicas. Explica-nos também que em Haddington na Escócia, essas corporações faziam representações da narrativa bíblica ao público em geral em algumas ocasiões especiais, como era o caso da festa de Corpus Christi.

Ainda falando sobre teatro na época medieval, Alexandre Mate em seu artigo “Evolução do Teatro Medieval” cita Vilma Areias dizendo que as corporações de ofício apresentavam peças bíblicas em palcos ao redor de praças, cujo objetivo era dramatizar o caminho do homem da gênese ao Apocalipse e que cada corporação ficava responsável por um episódio, incluindo a vida de Santos.

A Maçonaria, como bem sabemos, quer descendente, ou quer inspirada nas guildas de pedreiro, utilizam de interpretação de cenas, para ensinar e exemplificar conteúdos até os dias de hoje. Mas indago aos meus queridos

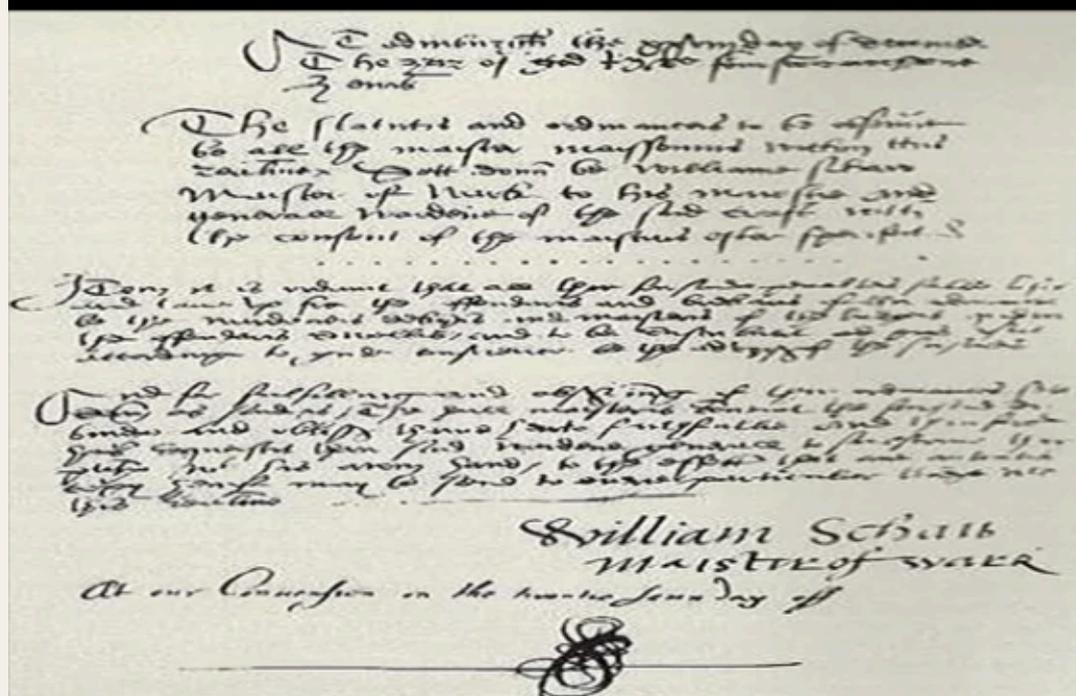


Capa do Livro de Robert Cooper

leitores: Será que verdadeiramente nos dedicamos a interpretação e a dramatização das falas e passagens em nossos rituais?

Independente da resposta, muito de vocês devem estar refletindo sobre o assunto, ou até se defendendo explicando que não necessariamente as peças na era medieval eram feitas com qualidade. Porém existem dois fatores que contribuem eu acreditar que as dramatizações e posteriormente a maçonaria escocesa tivessem seus atos executados no mínimo de forma proficiente, ou feita de cor. Primeiro, quase ninguém era alfabetizado na idade média. Segundo, já em 1599, nos estatutos que regulavam a profissão de pedreiro, já previa a memorização dos ensinamentos daquela guilda, sob pena de multa.

## O segundo estatuto de William Schaw (1599)



Segundo Estatuto de Schaw de 1599, onde estabelecia multa para os maçons que não fossem proficientes na arte. Ao lado a Marca de Pedreiro de William Schaw. Fonte: O Prumo de Hiram.

Tendo em vista os pontos abordados, explico como cheguei a essa reflexão. Lendo a biografia de George Lucas me deparei com o seguinte relato:

Apesar de ter sido criado como metodista, ficara mais intrigado com as cerimônias da igreja luterana alemã de Till, onde os fiéis ainda usavam chapéus largos e toucas e falavam em um tom carregado de sotaque e reverencial. Lucas era fascinado pela formalidade das cerimônias deles, muito parecidas com uma peça elaborada em que todos sabiam seus papéis.

George Lucas – Uma Vida, por Brian Jay Jones.

Então eu pensei “Oras, existe muito desse sentimento dentro da maçonaria em relação a execução de práticas litúrgicas.”. E cá estamos! Se uma pessoa se aproxima ou se afasta de religiões pela observação da coesão de seus agentes ao realizar um ritual, provavelmente aconteça na maçonaria também. Mas não paramos por aí, pense no seguinte, você assistiria uma peça de teatro em que atores insossos se atrapalham nas falas, que de tempos em tempos precisam recorrer ao texto escrito, e mesmo assim ainda fazem uma leitura sofrível? Imagine agora um show de mágica com um profissional trapalhão que gagueja, revela seus truques tirando a surpresa do show e ainda fica perguntando a seu assistente